



## SOB O OLHAR DE *O RETRATO DO REI*: UMA LEITURA METAPICTORIAL DO BRASIL

## *UNDER THE GAZE OF O RETRATO DO REI: A METAPICTORIAL READING OF BRAZIL*

Cristina Reis Maia<sup>1</sup>

**RESUMO** – O presente trabalho visa analisar a metapictorialidade (LOUVEL, 2012) como uma expressão narrativa na escrita do romance *O retrato do rei* (MIRANDA, 2001). Para tanto, focaremos nas descrições elencadas no texto que (re)contam parte da história do Brasil do início do século XVIII através do encadeamento sugestivo de iconotextos metapictoriais. No entrelace entre a história e a literatura, entre a escrita e imagem, o leitor é estimulado a desenvolver uma percepção mais crítica sobre a narrativa. O desafio é distinguir entre o mundo chamado real e o considerado ficcional, entre a história proclamada e a “reinventada”, entretecendo o lugar impreciso no qual a literatura estabelece vínculos com a história. Esse movimento possibilita o desvelamento e/ou a reconstituição da memória de um país e de um povo, fornecendo novos sentidos para acontecimentos do passado enquanto permite uma reflexão sobre o presente. Em *O retrato do rei*, Ana Miranda apresenta um contexto narrativo rico em

possibilidades interpretativas, tecido através de iconotextos metapictoriais de cunho histórico, que se abrem à multiplicidade de significantes. Para a realização deste trabalho utilizaremos os trabalhos desenvolvidos por Clüver (2011), Louvel (2006, 2012), Rajewsky (2012, 2020) Ribas (2021), entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE** – Literatura; História do Brasil; Metapictorialidade

**ABSTRACT** – The present work aims to analyze metapictoriality (LOUVEL, 2012) as a narrative expression in the writing of the novel *O retrato do rei* (MIRANDA, 2001). To this end, we will focus on the descriptions listed in the text that (re)tell part of the history of Brazil in the early eighteenth century through the suggestive sequence of metapictorial iconotexts. In the intertwining between history and literature, between writing and image, the reader is encouraged to develop a more critical perception of the narrative. In *O retrato do rei*, Ana



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 2      Ano II      março/2024  
ISSN 3085-7309

Miranda presents a narrative context rich in interpretative possibilities, woven through metapictorial iconotexts of a historical nature, which are open to the multiplicity of signifiers. To carry out this work we will use the works developed by

Clüver (2011), Louvel (2006, 2012), Rajewsky (2012, 2020) Ribas (2021), among others.

**KEYWORDS** – Literature; History of Brazil; Metapicturality.

## Introdução

Meio transmissor de informações, capaz de facilitar ao homem a compreensão dos conflitos emergentes em sua pluralidade e diversidade, a literatura apresenta um enorme potencial emancipatório. Para tanto, ela tem expandido suas referências, recorrendo à apropriação e adaptação de técnicas e instrumentos oriundos de outras disciplinas ou mídias. Uma dessas experimentações literárias diz respeito à construção de narrativas através da metapicturalidade.

Em vista desse (novo) viés cognoscente, o presente trabalho tem por finalidade analisar a metapicturalidade como uma das expressões narrativas da arte literária. Para isso, elegemos o romance metahistórico **O retrato do rei** (MIRANDA, 2001), cuja narração se estabelece por meio da descrição de iconotextos metapicturais e do uso de intermedialidades – uma estratégia que possibilita a (re)contação da

história através de vários olhares, fomentando múltiplas interpretações.

O desenvolvimento do enredo no livro é atravessado por diferentes graus de picturalidade, consignando um fenômeno híbrido entre palavra e imagem que promove a suplementação dessas linguagens e a construção de novas formas de composição. É nessa conjunção que emerge a metapicturalidade, estabelecendo *links* entre a escrita e os elementos figurativos – entre o verbal e o pictórico –, trabalhando com a incorporação da descrição de várias obras de arte na construção de uma narrativa textual.

Sob esta ótica, o texto convoca imagens visuais que são reproduzidas criativamente através das possibilidades enunciativas (LOUVEL, 2006) para se reconstituírem enquanto (elementos do) enredo. Tudo aquilo que pode ser apreendido pela visão e representado concretamente – em desenhos, pinturas, fotogramas –,



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 2                      Ano II                      março/2024  
ISSN 3085-7309

metamorfoseia-se pela palavra em descrições imagéticas (ou iconotextos), constituindo um poderoso recurso com grande impacto. Dentro dessa propositura, as referências pictóricas não apenas acrescentam uma dimensão intermediária à narração como constituem um *background* para problematizar os acontecimentos a que se referem.

Servindo-se de tal perspectiva, **O retrato do rei** vai nos apresentar uma (re)contação de um determinado episódio da história do Brasil através de elementos metapicturais que materializavam crônicas sociais. Essa construção evidencia um recurso transgressor (LOUVEL, 2012) que traz a semiótica para o centro da discussão de temas caros à sociedade.

Ainda por conta da relação íntima entre metapicturalidade e intermedialidade que desenvolve, o livro expande sua circunscção, abrangendo diferentes formas de leitura. Tal perspectiva é interessante na medida em que a narrativa apresentada se constrói a partir de iconotextos pormenorizados através dos quais cenas inteiras são encadeadas. Emergindo pela descrição minuciosa e detalhista de um acervo pictórico que retrata costumes, tradições e hábitos da sociedade brasileira, elas não só

constituem uma crônica do cotidiano como estruturam os espaços e as tramas do *plot*, expandindo o argumento inicial. Dessa forma, descrições vívidas de pinturas, esculturas e construções de época, envolvendo expressões e vivências coletivas são utilizadas como norteadores para pautar a ambiência, a geografia e os modos de vida das personagens, compondo um eficiente quadro mental para situar e contextualizar a ação que se desenrola. Como fragmentos de um plano maior, esses aparentemente pequenos enxertos objetivam transmitir ao leitor impressões e qualidades, (re)constituindo a atmosfera da época em que se passa a história.

Essa particularidade da leitura metapictural leva em conta as oportunidades cognitivas e desencadeia uma quebra da linearidade operacional do pensamento, abrindo-lhe outras perspectivas. Permite que o leitor enriqueça sua percepção, somando sua apreensão às da autora e dos autores das imagens por ela selecionados (MAIA, 2021). Outrossim, as imagens suscitadas delineiam a visão de mundo da autora que delas se apropriou para produzir uma nova versão (ou uma nova compreensão) acerca dos relatos



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 2      Ano II      março/2024  
ISSN 3085-7309

apresentados. Também as mídias pelas quais o texto transita fomentam uma nova forma de expressão, que se expande para a relação autor/leitor, desconstruindo a partir das (re)interpretações realizadas, os parâmetros de hierarquização e irrefutabilidade instituídos. Neste contexto, a metapicturalidade se descortina através de recursos descritivos estéticos e critérios perceptivos de toda uma cadeia de (re)apropriações subjetivas, em uma complexa teia transpassada por referências culturais, componentes linguísticos e singularidades pessoais. Isto é, no entrelace do domínio da palavra escrita, das referências picturais e das apreensões individuais.

Diante desse cenário, propomo-nos a discutir as diversas vozes que permeiam o exercício da metapicturalidade e como ela contribui para a viabilização da (re)contação da história, assim como sua importância para o desenvolvimento da narrativa e a transformação do pensamento.

## As diversas vozes no exercício da metapicturalidade

Instigando o leitor para além do texto convencional, **O retrato do rei** apresenta uma forma de construção textual (e de leitura) que ultrapassa a

mera fruição (ECO, 2009). Utilizando da diversidade dos signos e do alcance da semiótica, ele abusa da metapicturalidade para contar sua história e fazer o leitor refletir.

Fundado sobre iconotextos metapicturais, este livro não só desperta percepções distintas como estabelece narrativas diferenciadas a partir das inferências produzidas pela descrição das imagens. A condução da história passa, portanto, pela relação que se estabelece entre as imagens suscitadas e a palavra, proporcionando o enquadramento necessário seja para o desenvolvimento do argumento, seja para a disseminação de ideias (MAIA, 2020). Por outro lado, toda e qualquer descrição realizada é perpassada por expressões imbuídas de valores e significados que se modificam em função da percepção individual; seu uso nunca é imparcial ou aleatório: indica tanto uma estratégia quanto a abordagem de certa visão de mundo. No entanto, apesar do direcionamento que a autora oferece para o desenrolar do enredo, é da responsabilidade daquele que lê construir seu próprio entendimento – produto dos atravessamentos singulares de suas vivências pessoais e únicos a cada nova leitura.

O uso da metapicturalidade tem uma importância vital no texto. Ela



## IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 2      Ano II      março/2024  
ISSN 3085-7309

não apenas retrata um determinado momento cristalizado no tempo e espaço através da descrição de uma manifestação artística, como também pode inferir ideias, guiar juízos e orientar percepções, produzir questões e repensar posicionamentos... Ela abarca a indução de uma representação mental que tanto pode ser assimilada quanto produzir efeitos analíticos que permitam refletir sobre a mesma.

No primeiro caso, temos a descrição como suporte para a sugestão de conceitos e concepções previamente concebidos. Nessa hipótese, a metapictorialidade coaduna com aquilo que seu iconotexto pretende retratar, construindo uma imagem mental que corresponde aos conceitos propagados. Vemos isso acontecer, por exemplo, no trecho do livro que faz referência a **O retrato do rei** e a sua simbologia, apresentando-o enquanto figura de autoridade, personificação do direito e árbitro das possibilidades emergentes que regeriam a vida de seus súditos:

O governador dirigiu-se a uma câmara reservada.

– Entrai, senhores. Gostaria de mostrar-vos algo. Retirou um pano preto que encobria um quadro.

A imagem apareceu diante dos olhos maravilhados dos homens:

um jovem de olhar pacífico e resoluto. Sob a pintura, a inscrição – *Johannes Portugallia e Reges.*

[...]

Sobre uma almofada, viu o caixote com letras douradas.

– Chegou na frota, não?

Fernando abriu a caixa e retirou o pano, exibindo o retrato com veneração.

– Nosso rei!

Mariana flexionou os joelhos, em cumprimento.

– Majestade.

– O rei!, em effigie. É como se estivesse presente entre nós.

Mariana curvou-se de novo, agora com muito mais reverência.

Os olhos do governador brilhavam.

– Sabeis o que significa a presença do rei no Rio de Janeiro?", disse Fernando, sem desviar sua atenção do retrato – A graça real. O poder divino e humano, senhor da vida e da morte dos homens. Os únicos limites do rei são o próprio rei.

– Ele tem mesmo as sobranceiras arqueadas. Dona Maria Clara o viu pessoalmente.

– Significa tenças, empregos, privilégios, benefícios, honra. Poder.

– Ele é tão jovem – disse Mariana. Fernando cobriu o retrato (MIRANDA, 2001, pp. 33; 38).

Aqui podemos inferir claramente a imagem oficial do soberano, identificando-a com a figura abaixo, cuja função seria uma representação de força e autoridade.





# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 2      Ano II      março/2024  
ISSN 3085-7309

FIGURA 1



Pompeo Batoni (atribuição). D. João V, primeira metade do séc. XVIII.  
(Fonte: *Revista de História da Arte e Arqueologia*, nº 22, jul/set 2014)

A implicação de atributos referenciais à imagem – como armadura, o manto, o cetro, a coroa, o lenço e as comendas –, a torna um instrumento de consolidação de poder e serventia para expressão de múltiplas ações políticas e sociais. Nesse caso, sua descrição deve configurar aquilo que *representa*, não necessariamente a realidade dos

fatos. Apresentar uma imagem para significar (ou simbolizar) determinado conceito é uma prática imemorial, ainda hoje bastante utilizada nas diversas repartições administrativas com a ostentação de retratos dos seus dirigentes ou figuras de autoridade. O retrato de um rei constitui, portanto, uma estratégia política, na qual a expressão mimética reconstrói imageticamente o



## IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 2      Ano II      março/2024  
ISSN 3085-7309

representado através de qualidades e ideais que se queiram ressaltar.

Espécie de *marketing*, esta “recomposição” da figura original busca destacá-la em seu meio, trazendo para o alcance do olhar (para o concreto) todo um constructo de representações, publicizando aquilo que considera pertinente, ressaltando tais características de forma sutil e eficiente. Por outro lado, o estilo da pintura, a maneira pela qual a personagem é ostentada (e para quem o é), os enquadramentos e planos de fundo, não apenas explicitam a função social da arte, mas contextualizam o pano de fundo histórico no qual foi produzido (BENJAMIN, 1996). Isso indica uma retórica na estética amplamente utilizada para (re)criar *representações* sobre a realidade e as personalidades que pretende estampar. Representações estas que, extrapolando seu cunho emblemático, não só se tornam contraponto para o desenvolvimento de um enredo de intrigas como potencializa discussões acerca de concepções e apropriações político-ideológicas. Delineando uma série de conceitos e aspirações, a *imagem* do rei se vê incorporada ao texto como personagem principal, desencadeando a sequência de ações (e interlocuções) das demais personagens.

Já nas passagens que situam o enredo, as descrições reportam a diversos cenários imortalizados por artistas que buscaram retratar o meio em que viviam, tratando-se, portanto, de verdadeiras crônicas do cotidiano. A saturação pictural expressa é tão intensa que, mesmo sem a manifestação física das obras, sua visualização se torna fácil, convertendo-se em parte essencial da história. O leitor é movido a mergulhar no texto, deixando-se conduzir pelas emoções despertadas e pelo contexto retratado, o qual tanto interfere na percepção ambiental quanto no desenlace do enredo. É levado não apenas a evocar, mas a participar da cena, deixando-se guiar pelo elemento figurativo introduzido pela palavra, como observamos no trecho abaixo:

Diante de quase todas as casas os moradores acenderam velas e candeieiros e numa praça fizeram uma imensa fogueira, diante da qual reuniu-se uma folia de tambores e pandeiros; os dragões dançavam com as rascoas, ornadas de cadeias de ouro, que rodavam as saias com graça; muitos bebiam aguardente, aplaudiam as evoluções das dançarinas, desapareciam no mato com mulheres; ouviam-se risadas e gritos (MIRANDA, 2001, p. 210).



## IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 2      Ano II      março/2024  
ISSN 3085-7309

Sob as fímbrias da metapictorialidade, os indicadores imagéticos constituem uma riqueza de detalhes que pressupõe uma amplitude de referências, mas também extrapolam a objetividade pura e simples para expressar sentimentos e apreensões que são transmitidos ao leitor.

Isso é bem evidenciado nos exemplos a seguir, quando podemos montar toda a cena:

Mariana teve um ligeiro instante de hesitação ao ver as salvaguardas que acompanhavam Valentim, com panos na cabeça sob os chapéus, armadas de espingardas e facões, parecendo os bandidos que se escondiam nos valhacoutos do Valongo. Certificou-se de que trazia na bolsa uma pequena pistola (MIRANDA, 2001, p. 45).

FIGURA 2



Dança do lundu, Rugendas, 1835

(Fonte: RUGENDAS, Johann Moritz. Viagem pitoresca através do Brasil.  
Disponível em: [http://objidigital.bn.br/acervo\\_digital](http://objidigital.bn.br/acervo_digital))

À entrada de Ouro Preto, sentinelas armadas surgiram (...) Mariana sentiu um calafrio ao entrar no arraial; o céu e nuvens

baixas, raros pontos de fogo, a neblina clareada pelo luar. Ruas subiam e desciam, íngremes, escorregadias, quase todas de





# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 2      Ano II      março/2024  
ISSN 3085-7309

terra. Fachadas surgiam na penumbra, algumas casas juntas, outras isoladas por terrenos, alçadas sobre declives e aclives (...). No alto de uma colina ficava a capela (MIRANDA, 2001, p. 140).

Nestes casos, vemos a metapicturalidade expressar um movimento revolucionário sobre o pensar, levantando importantes questões. Ela não se limita a reproduzir registros pictóricos por meio de palavras, mas transpõe os limites do convencionalmente instituído, deixando aos leitores o desafio de analisar as situações descritas. Colaboram para isso, o uso de intermedialidades e intertextualidades que se unem à estratégia metapictural, pondo em pauta – e em xeque – a normatização estabelecida, para propor uma percepção crítica acerca dos fatos que subjazem aos eventos descritos. Esses textos visuais servem como pano de fundo para sustentar a introdução de importantes discussões e reflexões de

ordem social e cultural, oportunizando a discussão de temas sensíveis sem perder a condução da narrativa. Representam, assim, uma flexibilização do raciocínio unidimensional e um incentivo à riqueza cognitiva e às possibilidades interpretativas (CLÜVER, 2011). É uma vez que a dinâmica da história é facilitada pelas descrições metapicturais, eventuais deslizamentos de sentidos e um novo viés cognoscente para se pensar as concepções da realidade são produzidos. Dessa maneira, o uso de iconotextos para a composição do enredo – tomando como referencial, descrições subjetivas de obras famosas – contribui para pluralizar a história, engendrando uma rede complexa e discursiva na qual se confrontam culturas distintas. Isso implica redimensionar e ressignificar certos fatos – muitas vezes traçando uma comparação entre eventos do passado e vivências do presente.



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 2      Ano II      março/2024  
ISSN 3085-7309

FIGURA 3



**Habitantes das Minas, Rugendas, século XIX**

Fonte: RUGENDAS, Johann Moritz. Viagem pitoresca através do Brasil. Disponível em:  
[http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital](http://objdigital.bn.br/acervo_digital)

FIGURA 4



**Tropeiros e transporte de ouro e diamantes, Rugendas, 1824**  
Fonte: RUGENDAS, Johann Moritz. Viagem pitoresca através do Brasil.



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 2      Ano II      março/2024  
ISSN 3085-7309

Disponível em: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital](http://objdigital.bn.br/acervo_digital)

Essa estruturação produz uma confluência de características que enriquece a proposta textual e a projeção de novas enunciações, possibilitando direta e/ou indiretamente a formação, significação e estruturação de nova(s) entidade(s) semiótica(s) (WOLF, 2005; RAJEWSKY, 2020). Não apenas mostra o que está sendo exposto, mas fornece impressões e qualidades que singularizam e suplementam a história. Alguns dos iconotextos utilizados são tão minuciosos em retratar o cotidiano que ultrapassam o contexto meramente descritivo, apontando para registros etnográficos. A amplitude de referências e a riqueza de detalhes da narrativa constituem um painel abrangente para a contextualização da realidade da qual se pretende falar. Promovem, ainda, um “sistema de equivalências” (RIBAS, 2021a) no qual o entrecruzamento de subjetividades (daqueles que produziram as obras e dos que a consomem) subsidiam uma outra história, subjacente à apresentada, oferecendo ressignificações, dialogismos e inúmeras possibilidades polifônicas (BAKHTIN, 2011). Assim, essas descrições constituem um arco

narrativo que expressa elementos enunciativos e reconstitui sua materialidade e os conteúdos apresentados (ARAUJO; CUNHA, 2017), viabilizando a passagem da leitura pela percepção daquele que lê.

## A (re)contação da história através da metapictorialidade

Como nem toda literatura é composta somente pelo que se escreve, mas também por pinturas e traços (BARTHES, 1986), a metapictorialidade emerge como um espaço único para a (re)contação de história(s). Nesse processo, ela não apenas desperta o interesse do leitor, mas se constitui enquanto um pressuposto básico para subsidiar sua inserção na sociedade. Quer dizer,

contribui para a formação do sujeito não só enquanto leitor, mas, sobretudo como indivíduo historicamente situado, uma vez que a interação texto-leitor promove o diálogo entre o conjunto de normas literárias e sociais presentes tanto no texto literário quanto no imaginário do sujeito.[...] Isso significa a ampliação de horizontes, visto que a incompleta identificação obra-leitor, a partir do embate de diferentes normas literárias e sociais, obriga o indivíduo a pensar sua condição sócio histórica, tendo como



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 2      Ano II      março/2024  
ISSN 3085-7309

consequência uma possível mudança de postura diante da sociedade (CARVALHO, 2006, pp. 127 e 128).

Para tanto, ela deve descrever com alto teor de saturação imagens reportadas por diferentes representações artísticas, ensejando interfaces (e intertextualidades) que se desdobram em transposições midiáticas (RIBAS, 2021b; MUSSATTO, 2015). Transposições estas que se estabelecem através de recursos semióticos (ELLESTRÖM, 2010) capazes de mediar conhecimentos e engendrar diferentes significados (e percepções) nos mais diversos diferentes estratos e sistemas comunicacionais (RAJEWSKI, 2012). Um movimento que permite a circulação de um grande número de informações, facilitando a (re)criação daquilo que se planeja narrar.

Enquanto área de convergência de discursos e de “hibridização das linguagens” (NUNEZ; RIBAS, 2016, p. 494), a metapictorialidade se apropria de signos e mídias, trabalhando com a percepção do autor e do leitor. E ao propiciar a cada leitura uma reescrita dos acontecimentos (EAGLETON, 2003), potencializa articulações conceituais variadas, permitindo uma “reelaboração crítica” sobre as narrativas. Dessa forma, ao promover

uma descrição pormenorizada de ambiências, pode constituir uma verdadeira crônica sobre os modos de vida do seu tempo.

Uma vez que os elementos retratados nos iconotextos são subsidiados pelo cotidiano e servem de base para a contextualização histórica, eles refletem aspectos da sociedade de seu tempo, referenciando-a cultural e geograficamente. Seja pela riqueza de detalhes ou pela sutileza com que são abordadas, essas descrições imagéticas tornam as situações contempladas tão próximas do leitor quanto se as estivesse vivenciando – o que possibilita um maior engajamento e imersão naquilo que se pretende destacar. Isso facilita sua identificação com o tema, podendo operacionalizar *links* com o momento em que se vive, comparando (e problematizando) realidades distintas. Tal construção narrativa torna mais factível a imersão e a compreensão do leitor na história, mesmo que essa seja diferente de sua vivência pessoal, já que a construção enredo permite que se percebam semelhanças entre os relatos do passado e o presente. O fato é que as descrições desenvolvidas no texto levam à assimilação da matéria tratada a partir das experiências subjetivas. E para além de uma





# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 2      Ano II      março/2024  
ISSN 3085-7309

experiência sensível, pode gerar tanto “certezas” quanto inquietações (RAMOS; PANOZZO; ZANOLLA, 2011). As múltiplas dimensões dessa linguagem ampliam, portanto, o universo de significação dos textos e a competência do leitor, posto que estabelecem pontos referenciais das manifestações da cultura, criando espaços de inserção de significados no universo apresentado.

Em **O retrato do rei** temos como tema a Guerra dos Emboabas, recontada por meio de iconotextos metapicturais de cunho histórico. Episódio pouco estudado da historiografia nacional, este levante ocorrido no Brasil nos primórdios do século XVIII fala da apropriação das riquezas de um território selvagem sob o domínio de uma metrópole absolutista cujas relações de poder transpassavam aqueles que se interpunham em seus caminhos. A partir deste enunciado, o texto se desenvolve atravessado pelo viés metahistórico e pela descrição pormenorizada dos mais variados artefatos artísticos, enfatizando determinados ângulos e explicitando certos contextos.

Este processo interacional entre imagem e palavra ocorre ao longo de toda a obra e constitui um elemento a mais para a construção do enredo, realçando aquilo que poderia passar

despercebido em uma mera exposição da imagem. Ao se reportar a pinturas que retratam atividades ou hábitos do cotidiano para compor a base da narrativa, a metapictorialidade ressalta circunstâncias bem delimitadas, guiando o leitor pela história em curso, mas também fazendo-o refletir ao apresentar uma realidade de trezentos anos muito próxima à atual.

Vejamos as referências sobre o dia a dia e a dinâmica da vida citadina do Rio de Janeiro:

No porto, grupos de homens e mulheres desembarcavam de pequenos bergantins; eram gente que ia para as Minas. Embora cansados e famintos, muitos deles lançavam-se em terra aos gritos de felicidade, com as mãos para o alto, ou se ajoelhavam para beijar o chão. Senhores, criados, lavradores, capelães, meretrizes iam-se passando às ruas e desapareciam entre as casas. Jovens minhotos, sem bagagem, indecisos, caminhavam entre mulas que vagueavam, observados por escravos negros sentados à sombra, esperando a descida do sol. Recém-chegados adejavam em torno dos montes de bagagem, gesticulando. Carregadores e aguadeiros, com as cabeças enfeitadas de plumas, dormiam à porta do trapiche. Na fortaleza de São Sebastião não havia nenhum soldado à vista. De um lugar qualquer vinha o som





# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 2      Ano II      março/2024  
ISSN 3085-7309

arrastado de um cantochão  
(MIRANDA, 2001, p.10).

FIGURA 5



Mercado do Rio de Janeiro, William Smyth, 1832

(Fonte: BELLUZZO, Ana Maria. O viajante e a paisagem brasileira. *In: Revista Porto Arte*.  
Porto Alegre, v. 15, nº 25, novembro/2008)

Ou na narração da extração do ouro  
nas Gerais:

Não foi difícil encontrar, entre as datas, a que pertencera a seu pai, às margens do ribeirão do Borba (...). Como possuía doze escravos mineiros, Dom Afonso de Lancastre tivera direito a uma data de vinte e quatro braças, em quadra, duas para cada escravo possuído. Cercada de bambu, a vegetação abatida, o riacho cortava-lhe a extremidade oeste (...). Um homem tomava conta dos escravos na data ao lado. Alguns mineravam, outros descansavam (...) Era um riacho abundante em ouro (MIRANDA, 2001, pp. 203-204).

Apesar da objetividade com que são descritas, diante do crivo das percepções individuais, as imagens escolhidas são transfiguradas, isto é, são *transformadas*, lidas de modo particular e relativo. Este movimento ocorre notadamente em função do conhecimento lexical, histórico e cultural do leitor – da reação da sua subjetividade diante das referências apresentadas e, principalmente, do olhar do autor –, fazendo com que as imagens criadas passem a ser confrontadas com o presente através de múltiplas associações e semelhanças. Por exemplo, a primeira



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 2      Ano II      março/2024  
ISSN 3085-7309

imagem pode bem retratar também os mercados atuais, aduanas ou ruas de uma metrópole fervilhante, com sua população heterogênea que subsiste sob diferentes formas de trabalho, enquanto a segunda faz referência às diversas condições de escravatura ainda existentes na sociedade – inclusive nos garimpos. E isso, inevitavelmente, faz pensar.

Além disso, tais constructos não refletem apenas o estilo individual de quem os lê ou fez, mas também a visão da sociedade, a ideologia, as intenções pedagógicas e o período particular de quando foram executados. Pertencem a uma determinada cultura (CAVICCHIOLI, 2014) e estão também vinculados a um discurso, com uma linguagem própria. Isso pressupõe uma vasta gama de abstrações e de atravessamentos ideológicos, capazes de direcionar a percepção do que se observa, mas leva em conta que

O verdadeiro conteúdo da obra torna-se seu modo de ver o mundo e de julgá-lo, traduzido em modo de formar, pois é nesse nível que deverá ser conduzido o discurso sobre as relações entre a arte e o mundo [...] mas a obra literária significa o mundo em si através da maneira como essas palavras são organizadas [...] é uma mensagem plurivalente, que a História

preenche de diversos significados possíveis (ECO, 2013, p.258-259; 284).

## Considerações Finais

Exemplo de literatura que se mescla à história, **O retrato do rei** se constrói em cima de iconografias descritas metapicturalmente, escapando do lugar-comum de uma composição entremeada por ilustrações didáticas e explicativas. Sua trama é tecida em função de registros históricos, muitos dos quais oriundos de elementos estéticos intermediais (telas, gravuras e formas arquitetônicas) que recontam parte da história do Brasil.

Essa estratégia lança luz sobre valores e práticas decorrentes do convívio social, oportunizando uma melhor compreensão das condutas que os regem, tornando as experiências vividas mais significativas. Despertando a imaginação, as emoções, o interesse e as expectativas dos seus leitores, contribui tanto para retratar eventos quanto para (re)construir narrativas, problematizando certas questões que usualmente passariam despercebidas. Sob essa égide, exorta o leitor a novas percepções, abrindo-lhe outras perspectivas para o entendimento do mundo.



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 2      Ano II      março/2024  
ISSN 3085-7309

A recontação da história através da metapicturalidade tem o efeito de tornar acessível o passado ao mesmo tempo em que nos convida a pensar sobre o presente – a considerar que, embora muitas vezes não tenhamos consciência, repetimos ações e ideias ao longo do tempo. Esse expediente não se restringe a descrever acontecimentos, localidades e personalidades; ele busca, sobretudo, *construir uma interpretação* sobre aquilo que constitui o foco de seu interesse. Permite auferir novas informações do texto, trazendo à baila reflexões antes silenciadas, constituindo tanto um convite para analisar a pertinência das informações históricas prestadas quanto para produzir versões surgidas a partir de jogos discursivos. Uma proposta que extrapola o simples gosto pela leitura, uma vez que oferece novos critérios de aprendizagem e produção filosófica. O quadro metapictural construído parte da interrelação estabelecida entre a formalização da escrita e a percepção das imagens suscitadas, sendo, portanto, amplo e abrangente. Ele estende a visão sobre certos eventos do passado, sem deixar de “utilizar histórica e racionalmente o

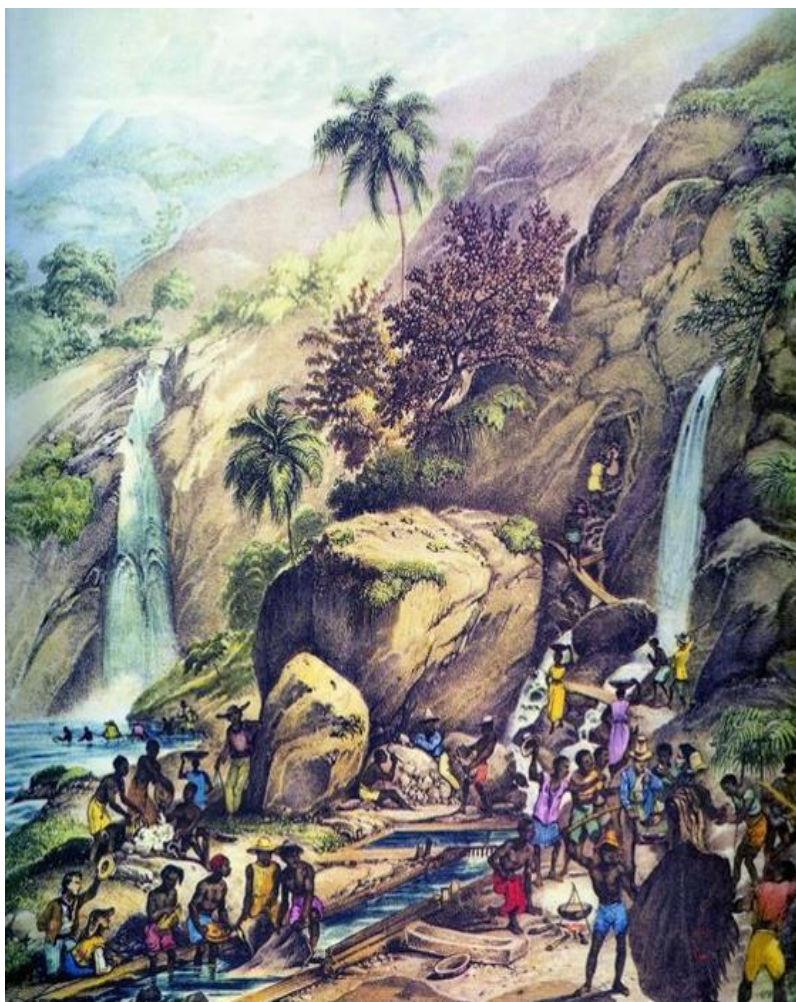
próprio intelecto para chegar a uma compreensão reflexiva e a um desvendamento” (SAID, 2016, p. 19) de seus conteúdos.

No texto de Ana Miranda há uma alternância de linguagens – literária, artística e histórica –, promovendo tanto novas apreensões sobre hábitos e práticas sociais quanto reflexões sobre o cotidiano a partir de inevitáveis comparações. Essa particularidade traduz não apenas aquilo que é mostrado, mas especialmente, o que se quer levar o leitor a ver. Em vista da imagem metapictural participar de um importante jogo de vela/revel(ação) que implica na atribuição de conceitos e ideias e na condução do olhar do seu receptor para aquilo que se pretende expor, **O retrato do rei** promove a

construção de pontes entre mídias e disciplinas diferentes, facultando ao seu leitor uma interpretação mais sugestiva e globalizante de seu enredo. Seus conteúdos não se prendem a constructos herméticos, mas abrem-se às múltiplas possibilidades de interpretação, oportunizando uma pluralidade de mensagens – o que, em última instância, viabiliza um processo reflexivo (MAIA, 2021, p. 94).



FIGURA 6



Lavagem do minério de ouro, Rugendas, 1835

(Fonte: RUGENDAS, Johann Moritz. *Viagem pitoresca através do Brasil*.

Disponível em: [https://objdigital.bn.br/acvo\\_digital](https://objdigital.bn.br/acvo_digital))

Assim, as cenas descritas metapicturalmente explicitam o potencial sugestivo da narrativa, que circula entre diferentes tipos de mídias – uma espécie de *crossing lines construction*. Elas estendem a visão sobre certos eventos do passado, sem deixar de “utilizar histórica e

racionalmente o próprio intelecto para chegar a uma compreensão reflexiva e a um desvendamento” (SAID, 2016, p. 19) de seus conteúdos.

Representa, em certa medida, vozes dissonantes na historiografia oficial questionando o discurso instituído e instrumentalizando sutilmente o leitor para uma análise





# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem

Nº 2

Ano II

março/2024

ISSN 3085-7309

crítica deste. Sob essa ótica, é um texto que estimula (re)pensar o presente através de relatos do

passado e do que se apresenta como aparentemente corriqueiro.





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Adriani; CUNHA, Eduardo. O Incorpóreo da Imagem como Dispositivo Háptico. *In: Seminário de História da Arte*. Centro de Artes: UFPel, 217. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/11531/7364>. Acesso em: 14 /01/ 2024.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BARTHES, Roland. El espíritu de la letra. *In: BARTHES, Roland. **Lo obvio y lo obtuso: imágenes, gestos, voces***. Barcelona: Paidós Comunicación, 1986, pp. 103-107.
- BELLUZZO, Ana Maria. O viajante e a paisagem brasileira. *In: Revista Porto Arte*. Porto Alegre, v. 15, nº 25, novembro/2008.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. *In: **Magia e técnica, arte e política***. Editora Brasiliense: São Paulo, 1996. pp. 165-196.
- BERGER, P. L; LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento**. Editora Vozes. Petrópolis: 2004.
- CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **A literatura infantil, visão crítica e histórica**. 3ª ed., São Paulo: Global Editora, 1984.
- CAVICCHIOLI, Marina. Livro ilustrado: palavras e imagens. *In: Remate de Males*, v. 34, nº 02, Campinas: São Paulo, 2014. Disponível em: [Livro Ilustrado: palavras e imagens | Remate de Males \(unicamp.br\)](#). Acesso em: 09/02/24.
- CLÜVER, Claus. Intermedialidade. *In: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da EBA/UFMG*. Belo Horizonte, v. 01, nº 02, Nov. 2011.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: Uma Introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ECO, Umberto. **A definição da arte**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.
- ELLESTRÖM, Lars. **Media Borders, Multimodality and Intermediality**. New York: Palgrave Macmillan, 2010.
- LOUVEL, Liliane. Nuanças do pictural. *In: DINIZ, Thaís Flores Nogueira (Org.). **Intermedialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea***. Tradução de Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- LOUVEL, Liliane. "A Descrição "Pictural": Por uma Poética do Iconotexto". *In: ARBEX, Márcia (org.). **Poéticas do Visível: ensaios sobre a escrita e a imagem***. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- MAIA, Cristina Reis. **Múltiplos olhares sobre o cotidiano: percepções sobre arte, literatura e história em O retrato do rei**. Curitiba: Editora Appris, 2021.
- MAIA, Cristina Reis. Entre a imagem e a palavra: o exemplo da narrativa intermediática em *O retrato do rei*, de Ana Miranda. *In: **Lumen et Virtus***. Revista Interdisciplinar de Cultura e Imagem, nº 27, vol. XI, março de 2020, pp. 113-148.
- MIRANDA, Ana. **O retrato do rei**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MUSSATTO, Marianna da Silva Rogério. **Reflexões sobre a metapictorialidade textual na tradução da peça *Un sueño de la razón* (1929) de Cipriano Rivas Cherif**



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 2      Ano II      março/2024  
ISSN 3085-7309

(2015). Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2015.

NUNEZ, Carlinda Pate Fragale; RIBAS, Maria Cristina Cardoso. Diálogos contemporâneos: da palavra ao écran. *In: Revista Passagem de Paris*, nº 13, 2016, pp.493-511.

PIMENTEL, António Filipe. Os pintores de D. João V e a invenção do retrato de corte. *In: Revista de História da Arte*, nº5, Universidade Nova de Lisboa, 2008, p. 132-151. Disponível em: [https://run.unl.pt/bitstream/10362/12605/1/ART\\_7\\_Pimentel.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/12605/1/ART_7_Pimentel.pdf). Acesso em: 07/03/2024.

PONTES, Ludmila; RIBAS, Maria Cristina Cardoso. O Boca do Inferno: (Re)leituras da poesia (barroca) de Gregório na contemporaneidade. *In: Guavira Letras*, nº. 16. Pós Graduação da UFMS, 2013, pp. 23-46.

RAJEWSKY, Irina. A fronteira em discussão: o status problemáticos das fronteiras intermediárias no debate contemporâneo sobre intermedialidade. *In: DINIZ, Thaís Flores Nogueira; VIEIRA, André Soares (org.). Intermedialidades e estudos interartes: desafios da arte contemporânea*, v. 2. Belo Horizonte: Rona Editora; FALE/UFMG, 2020.

RAJEWSKY, Irina. Intermedialidade, intertextualidade e “remediação”: uma perspectiva literária sobre intermedialidade. *In: DINIZ, Thaís Flores Nogueira (org.). Intermedialidades e estudos interartes: desafios da arte contemporânea*. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

RAMOS, Flávia Brocchetto; PANOZZO, Neiva Senaide Petry; ZANOLLA, Taciana. Imagem e palavra na leitura de narrativa. *In: Perspectiva*, Florianópolis, v. 29, n. 1, pp. 245-262, jan./jun. 2011.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. Nuances do pictural: a aquarela machadiana em “Missa do galo”. *In: MELLO, Maria Elizabeth Chaves de (org.). Janelas para o outro*. Rio de Janeiro: 7letras, 2021a.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. Narrativas transculturais e intermediárias: *Fingersmith*, de Sarah Waters e *A Criada*, de Park Chan-Wook. *In: JOBIM, José Luís (et. al.) Circulações transculturais: territórios, representações, imaginário*. Rio de Janeiro: Ed. Makunaíma; Boa Vista: EdUFRR, 2021b.

RUGENDAS, Johann Moritz. *Viagem pitoresca através do Brasil*. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon94994/icon94994.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon94994/icon94994.pdf). Acesso em: 08/03/2024.

SAID, E. W. **Orientalismo**: o oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

WOLF, Werner. Intermediality. *In: HERMAN, David; JAHN, Manfred; RYAN, Marie-Laure (eds.). The Routledge Encyclopedia of narrative theory*. London: Routledge, 2005.

---

<sup>i</sup> Doutoranda em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela UERJ e mestra em Antropologia. Além da formação em Letras, possui graduação em Serviço Social, Psicologia e Pedagogia, *lato sensu* e *stricto sensu* em Estudos Literários (desenvolvido na linha de pesquisa Literatura, Teoria e História) e.